

MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA EM MÍDIAS, EDUCAÇÃO E AFRICANIDADES

Uma boa árvore é aquela que se lembra da semente que a gerou.

Provérbio africano

Mobilizados pela lei 10.639/03, nós educadores temos nos perguntado como inserir no currículo escolar a História e a Literatura africanas de forma a contar uma outra História, “escovando-a a contrapelo”, como nos sugeria Walter Benjamin. Neste texto, desenvolvo uma reflexão que envolve a questão da formação docente e ressalta uma experiência em produção de mídia que priorizou a prática educativa voltada para a ética, consciência política e histórica da diversidade, bem como traz à tona a necessidade do fortalecimento de identidades e de direitos, as ações educativas de combate ao racismo e às discriminações.

Refiro-me ao Programa Salto para o Futuro da TV Escola – canal educativo do MEC – produção na qual tive a oportunidade de trabalhar como analista educacional da série temática *Repertório Afro-Brasileiro na Escola*.

Este conjunto de programas constitui-se em um dos instrumentos de estímulo a um debate, há até pouco tempo, silenciado: as relações raciais no Brasil. Ali trocávamos experiências e saberes, buscando proporcionar aos educadores um espaço estratégico para construção de alternativas de combate ao racismo. Nesse processo ressalto a importância da ética, que para Freire (1996 p.17), *é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar.*

E por falar em histórias, que histórias queríamos contar ali? Que histórias

gostaríamos de ouvir? Talvez uma diferente da que nos foi contada até hoje? Será que há outras possibilidades? Que outros sentidos poderíamos atribuir às histórias que nos foram contadas? Que outras histórias poderemos imaginar, que outra sociedade poderemos construir? Sonho? Utopia?

Como acreditava o líder africano Cabral, um verdadeiro pedagogo da revolução, *"Ai da revolução que não sonhe, ai dos revolucionários que não sonham."*

Sonhávamos, e assim, gerando sentidos que vêm das histórias contadas e recontadas e também das histórias negadas e silenciadas, íamos construindo memórias e identidades. E desta forma, íamos despertando valores adormecidos, quase esquecidos, refletindo sobre o valor da auto-estima dos negros.

O programa foi se delineando, tomando forma, em meio a contextos nos quais as oralidades – narrativas contadas e recontadas – manifestavam-se, gerando sentidos através dos depoimentos, das leituras, músicas, debates, análise de vídeos e roteiros; onde um trabalho de seleção de conteúdos, imagens e sons eram cuidadosamente trabalhados, pois pensávamos que tais mensagens possibilitariam ao professor ressignificar alguns conceitos e posturas. Para nós era fundamental destacar personagens negros na História do Brasil, tratando-os como verdadeiros *griots*, ampliando desta forma o repertório de conhecimentos sobre a participação dos negros na sociedade, de uma forma que não somente os destacasse como vitimizados e estereotipados.

Essa grande roda virtual de leituras e de significados continuava no debate ao vivo, no qual três convidados que tinham relação direta com o tema contribuíam de acordo com suas experiências, vivências, saberes e práticas. A **circularidade** e a **oralidade** – valores africanos tão relevantes – estiveram sempre presentes numa dinâmica que dava voz aos profissionais, à comunidade e principalmente aos professores de todo Brasil.

Como educadores, nosso compromisso com as futuras gerações é o de procurar, cada um a sua maneira, resgatar, recontar valores morais, éticos e civilizatórios, contribuindo para tornar a sociedade mais justa e igualitária. Vale ressaltar, ainda, a importância de não se omitir e de lutar contra qualquer forma de discriminação por mais que se reconheça os desafios a se enfrentar. No dizer de Freire (1996 p.67) *A boniteza de ser gente, se acha, entre outras coisas nessa possibilidade e nesse dever de brigar.*

Sobre o(a) autor(a):

Elaine Maurício: Pedagoga pela UERJ; educadora da Rede Pública do Município do Rio de Janeiro; mestranda em Educação no ProPEd-UERJ.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- FREIRE, Paulo. A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.